

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM SÃO CARLOS-SP: identificando referências culturais na universidade e na escola

André Frota Contreras Faraco
Simone Helena Tanoue Vizoli



DOI: 10.11606/9786586810707

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
EM SÃO CARLOS-SP:
identificando referências
culturais na universidade
e na escola

André Frota Contreras Faraco | Simone Helena Tanoue Vizioli

2023

Universidade de São Paulo – USP

Prof. Tit. Carlos Gilberto Carlotti Junior (Reitor)

Profª. Tit. Maria Arminda do Nascimento Arruda (Vice-Reitora)

Profª. Tit. Marli Quadros Leite (Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária)

Prof. Tit. Hussam El Dine Zaher (Pró-Reitor Adjunto de Cultura e Extensão Universitária)

Instituto de Arquitetura e Urbanismo – IAU

Prof. Assoc. Joubert José Lancha (Diretor)

Prof. Assoc. Miguel Antônio Buzzar (Vice-Diretor)

Profª. Drª. Simone Helena Tanoue Vizioli (Presidente da Comissão de Cultura e Extensão Universitária)

Prof. Dr. Luciano Bernardino da Costa (Vice-Presidente da Comissão de Cultura

e Extensão Universitária)

Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC) da Universidade de São Paulo

Drª. Nelma Regina Segnini Bossolan (Diretora)

Dr. Fernando Fernandes Paiva (Vice-Diretor)

Revisão | Normalização técnica

Piero Kanaan | Tikinet

Capa | Projeto gráfico | Diagramação

Giovanna Begalli | Tikinet

Catálogo na Publicação

Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

F219e

Faraco, André Frota Contreras

Educação patrimonial em São Carlos-SP [recurso eletrônico] :
identificando referências culturais na universidade e na escola/André
Frota Contreras Faraco, Simone Helena Tanoue Vizioli . -- São Carlos:
IAU/USP, 2023.

79 p.

ISBN: 978-65-86810-70-7

DOI: 10.11606/9786586810707

1. Patrimônio cultural (educação). 2. Extensão universitária. 3.
Patrimônio arquitetônico. I. Vizioli, Simone Helena Tanoue. II. Título

CDD 363.69

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



“Essa obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra,
desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada”

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM SÃO CARLOS-SP: identificando referências culturais na universidade e na escola

André Frota Contreras Faraco | Simone Helena Tanoue Vizioli



NEHAC



instituto de
arquitetura
e urbanismo
usp são carlos



SUMÁRIO

Apresentação	09
Introdução à educação patrimonial: alguns conceitos fundamentais	13
@INVENTÁRIO.USP.SC - Educação Patrimonial com os universitários da USP São Carlos	19
Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos	55
Considerações	75
Referências	77

APRESENTAÇÃO

As experiências aqui apresentadas foram desenvolvidas no Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade (N.ELAC) do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU) da Universidade de São Paulo (USP). O N.ELAC trabalha com temas relacionados à representação e linguagem por meio de experiências focadas nos processos cognitivos presentes na percepção da cidade e da arquitetura.

Entre 2012 e 2018, o Núcleo desenvolveu o projeto de extensão Patrimônio Arquitetônico, Design e Educação: Desenvolvimento de Sistemas Interativos Lúdicos, com foco em educação patrimonial, que, respeitando a cultural local, uniu os procedimentos do N.ELAC às questões culturais locais. Dessa forma, promoveu-se a exploração, a representação e a apropriação pelo cidadão – de forma lúdica e criativa – de uma parte do conjunto patrimonial da cidade de São Carlos por meio de sistemas interativos, isto é, blocos tridimensionais, jogos educativos em meio digital e modelos tridimensionais em dobraduras de papel, que permitiram que o cidadão problematizasse dados de sua realidade local, dando início, assim, à estruturação de um posicionamento crítico na comunidade são-carlense.

O Núcleo desenvolveu o projeto de pesquisa Estudo de mapeamento digital 3D (fotogrametria) para educação e documentação patrimonial (FAPESP nº 2018/18958-0), com o objetivo de estudar e experimentar o mapeamento digital com aplicação em duas frentes: na documentação de patrimônios histórico-culturais e como contribuição para a educação patrimonial.

Atualmente, dentre os diversos estudos, seus integrantes desenvolvem a pesquisa Documentação, Representação e Comunicação do Patrimônio Histórico Eclético de São Carlos por meio de tecnologia digital 2D e 3D (Fapesp nº 2021/14765-5), um projeto conjunto com a Sapienza Università di Roma, que tem como objetivo principal documentar o patrimônio histórico eclético do município de São Carlos por meio da pesquisa; coleta; análise; sistematização e geração de dados 2D (peças gráficas – plantas, cortes e fachadas) e 3D (modelos digitais gerados por fotogrametria – nuvem de pontos) e acessibilidade aos dados sobre o patrimônio pela sociedade.

Esta publicação decorre, especialmente, de experiências que ocorreram durante e após a pesquisa e defesa da dissertação de mestrado do arquiteto e urbanista André Frota Contreras Faraco: Educação Patrimonial: processo participativo de identificação de referências culturais dos universitários do campus USP São Carlos (FARACO, 2022), desenvolvida no Núcleo entre 2019 e 2022. Por sua vez, este texto está organizado da seguinte forma: no capítulo [Introdução à Educação Patrimonial: alguns conceitos fundamentais](#) são apresentados os conceitos de referência cultural, patrimônio cultural e noções da concepção pedagógica de Paulo Freire, fundamentais para estabelecer o que se definiu como educação patrimonial para os autores. Trata-se de uma síntese do arcabouço teórico-conceitual que embasou as experiências cujos resultados são apresentados nesta publicação.

A primeira experiência é a @INVENTARIO.USP.SC, realizada no contexto de uma disciplina optativa de graduação ofertada pelos autores no Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU), denominada Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida

universitária, em São Carlos, estruturada em duas ações, uma no segundo semestre de 2021, outra no segundo semestre de 2022. A metodologia e os resultados são apresentados no capítulo [@INVENTARIO.USP.SC – Educação Patrimonial com os universitários da USP São Carlos](#).

A segunda experiência, cuja metodologia e resultados são apresentados no capítulo [Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos](#), consistiu em duas ações de educação patrimonial realizadas em escolas públicas do município de São Carlos. Essas ações fazem parte de um projeto financiado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (projeto nº 2526).

Por fim, nas Considerações, são construídas análises das duas experiências apresentadas e como elas contribuem não somente aos campos da educação patrimonial e do patrimônio cultural, mas também para a sociedade do município de São Carlos.



INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

O acervo patrimonial, historicamente, sempre foi utilizado como recurso pedagógico. Por isso, é difícil precisar uma data de inauguração quanto à educação patrimonial no Brasil. O que se pode afirmar que, para o campo da educação patrimonial no Brasil, foi fundamental a introdução do conceito de referência cultural. Ele surgiu com a criação do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), em 1975, sob iniciativa de Aloísio Magalhães (1927-1982), que visava ao desenvolvimento de um sistema de coleta, processamento e divulgação de informações sobre a cultura brasileira a partir da aproximação com os sujeitos envolvidos na dinâmica de produção.

O conceito de referência cultural está correlacionado à dilatação do conceito de patrimônio cultural: ele contempla a necessidade de se considerar o processo cultural nos processos de patrimonialização, incluindo os grupos sociais como sujeitos produtores e detentores dos bens culturais, tornando-se imprescindível para o campo (ARANTES, 2009; CHUVA, 2012; FONSECA, 2001). O termo não concerne aos objetos culturais em si, mas à maneira que eles fazem sentido para o grupo social ao qual pertence, ou seja, a maneira que o objeto está relacionado com o grupo, os seus significados,

quais as referências que estão estabelecidas entre as partes. Por isso, pode-se afirmar que o termo induz ao deslocamento do interesse pelo objeto cultural em si para os sujeitos e pressupõem que valores culturais são sempre atribuídos por sujeitos/grupos sociais de acordo com critérios e interesses determinados por tempos, condições e contextos específicos.

Esse conceito de referência cultural fez parte do processo de dilatação do conceito de patrimônio cultural. Houve um deslocamento da pesquisa e da salvaguarda da memória coletiva ao longo do tempo, e não mais em acontecimentos específicos; e nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas, e não mais prioritariamente nos textos (LE GOFF, 1990). Portanto, houve uma fragmentação da memória em consequência da heterogeneidade da sociedade, tornando incompatível o velho ideal de construção de uma identidade nacional das políticas de preservação do patrimônio, inauguradas com a criação do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937.

A nação não é mais um foco convergente de representação, ou seja, com a pluralidade da memória, decorrente de uma diversidade cultural, favoreceu-se recortes identitários. Além disso, o tempo da memória é diferente do tempo em que era parâmetro para o antigo patrimônio histórico e artístico: a memória, agora, está sendo mobilizada pelo presente de acordo com as vontades de memória dos sujeitos e dos grupos sociais no presente.

Todos esses conceitos fundamentaram a elaboração do artigo 216 da Constituição Federal de 1988, que definiu:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (EC nº 42/2003)

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. (BRASIL, 2023, p. 127, grifo nosso)

Dessa forma, a Constituição Federal veio para consolidar os conceitos de patrimônio cultural dilatado, de pluralidade da memória e diversidade cultural e, sobretudo, de referência cultural, ao definir patrimônio como aquilo que é portador de referência à identidade, à ação e à memória dos grupos formadores da sociedade. Como desdobramento, pode-se dizer que a Constituição reconhece os grupos sociais como produtores e detentores do seu próprio patrimônio cultural. Portanto, eles são corresponsáveis pela tutela no sentido de que são os responsáveis pela existência desse legado.

A noção de referência cultural ainda vem para superar uma dicotomia conceitual entre patrimônio material e patrimônio imaterial:

Podemos concluir que o patrimônio cultural tem como suporte, sempre, *vetores materiais*. Isso vale também para o chamado patrimônio imaterial, pois se todo o patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se. As diferenças não são ontológicas, de natureza, mas basicamente operacionais. (MENESES, 2012, p. 31)

Chuva (2012), Rotman e Castells (2007) e Meneses (2012) reforçam a impossibilidade de dissociação entre material e imaterial. E a adoção da noção de referência cultural é o que permite a aproximação com o ponto de vista dos sujeitos envolvidos na dinâmica social da qual o bem cultural faz parte, reconhecendo a autoridade intelectual da comunidade sobre o bem cultural que ela produz e detém (FONSECA, 2001).

Dessa forma, faz-se possível, enfim, explicar o que é educação patrimonial. Nos anos 2000, houve um avanço para que ações educativas fossem desatreladas de um foco no acervo de bens culturais já patrimonializados e reconhecidos oficialmente pelo Estado, deslocando-se por um movimento para reconhecimento de outros sujeitos produtores de bens culturais, que fazem parte de outros grupos sociais formadores da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, viabilizou-se ainda uma perspectiva de que a educação patrimonial pudesse ser um instrumento de reflexão crítica sobre os acervos de bens culturais já consagrados (GONÇALVES, 2014).

No ensejo dessas discussões, desencadeadas também no âmbito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), nos anos 2000, em 28 de abril 2016, o Iphan publicou a Portaria nº 137, que estabeleceu os marcos referenciais para as políticas de educação patrimonial da instituição, que definiu:

Para os efeitos desta Portaria, entende-se por Educação Patrimonial os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação. (IPHAN, 2016, p. 6)

Deste modo, educação patrimonial são os processos educativos (formais ou informais) que fazem uso do patrimônio cultural como recurso para que os educandos compreendam a própria trajetória sócio-histórica, com o objetivo de construir conhecimento de forma dialógica e coletiva sobre os bens culturais a partir da identificação das referências culturais – que são os sentidos, os significados que os sujeitos envolvidos atribuem aos bens culturais e é uma chave para interpretação do patrimônio cultural (FARACO, 2022).

Diante do que se está definido, é preciso explicitar também o aquilo que não é educação patrimonial, isto é, não é uma metodologia, e sim um processo educativo que pode recorrer a variadas metodologias conforme especificidades do contexto local e da comunidade abordada. Também não é

uma forma de transmissão do conhecimento produzido pelos técnicos do patrimônio cultural à população, uma vez que os valores dos bens culturais são sempre atribuições elaboradas pelos sujeitos sociais.

Inclusive, convém retomar a concepção pedagógica freireana de educação, de que educar “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.25). Assim, em um processo educativo, educador e educando, ambos, são sujeitos do processo. É preciso respeitar os saberes dos educandos, estabelecendo as relações entre os saberes sistematizados pela ciência e os saberes das experiências sociais que os educandos têm e praticam. Educar também exige que seja reconhecida a identidade cultural do educando ao mesmo tempo em que ele se assume como sujeito sócio-histórico, dono da sua própria trajetória. Por fim, não menos importante, educar exige o reconhecimento de ser condicionado: a presença humana no mundo é condicionada por forças sociais, culturais e históricas – e o processo educativo precisa considerá-las (FREIRE, 1996).

Portanto, um processo de educação patrimonial deve oportunizar que os educandos se assumam como sujeitos sociais com as próprias identidades culturais, exigindo que o educador considere a explicação do mundo a partir da perspectiva dos educandos, sendo necessário, para tal, que o educador escute o educando e respeite as leituras do mundo do educando.

A introdução a esses conceitos basilares ao campo da educação patrimonial permite o entendimento e a compreensão das duas experiências de educação patrimonial desenvolvidas pelos autores desta publicação. A primeira, **@INVENTARIO.USP.SC**, realizada em 2021 e 2022 com estudantes universitários do campus USP São Carlos; a segunda, **Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos**, realizada em 2023 com alunos de escolas públicas do município de São Carlos.



@INVENTÁRIO.USP.SC – EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COM OS UNIVERSITÁRIOS DA USP SÃO CARLOS

São Carlos é um município localizado no interior do estado de São Paulo, fundado no século XIX no contexto da expansão da lavoura cafeeira em direção ao oeste do estado. O enriquecimento do café propiciou a industrialização a partir dos anos 1920 e, ao longo do século XX, o município se consolidou como importante polo fabril e tecnológico. Atualmente, a população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 256.915 habitantes (SÃO CARLOS, 2022).

Em 1953, o município recebeu um impulso para o desenvolvimento tecnológico, científico e educacional com a criação da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), unidade da USP, que deu origem à USP São Carlos, a qual atualmente é formada pelas seguintes unidades de ensino: Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU), Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC), Instituto de Física de São Carlos (IFSC) e o Instituto de Química de São Carlos (IQSC). Em 2022, a USP São Carlos contava com 5.121 alunos de graduação, 4.058 alunos de pós-graduação, 499 docentes e 1.030 funcionários técnicos e administrativos (PORTAL USP-SÃO CARLOS, 2022).

Mais de 2.800 novos estudantes universitários chegam a São Carlos todos os anos, provenientes de todas as partes do Brasil e até de outros países. Eles são atraídos justamente pela qualidade das duas universidades públicas do município, a USP e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que estão entre as dez melhores universidades do país, conferindo ao município o status de polo universitário e o título de capital da tecnologia (UNIVERSITÁRIOS..., 2018). A presença desses universitários no município tem um peso significativo para a economia local. De acordo com uma estimativa da Associação Comercial e Industrial de São Carlos (Acisc), os estudantes universitários consomem em média 20 milhões de reais por mês no município, principalmente com moradia, alimentação, comércio e prestação de serviços (ESTUDANTES...EPTV 1, 2020).

Isso evidencia não só a importância da universidade no município, mas também a importância dos universitários como um grupo formador da sociedade são-carlense. Grupo heterogêneo e que torna ainda mais complexas as práticas culturais dos estudantes, pois são mantidos os legados que as gerações de universitários construíram ao longo da história da universidade, permitindo que novos estudantes os atualizem.

Dessa forma, justifica-se tanto o interesse quanto a necessidade de identificar, interpretar e representar aquilo que é portador de referência à ação, à memória e à identidade dos universitários da USP São Carlos. Para isso, consultou-se previamente as recomendações da Carta do Patrimônio Cultural da Universidade de São Paulo para a proposição de iniciativas patrimoniais no interior da universidade, que apresenta diretrizes como: “registrar de forma sistemática o conjunto de ações conduzidas junto aos bens culturais visando a sua preservação e difusão pública”, “garantir a participação dos grupos diretamente envolvidos com os bens culturais que são objeto de tais iniciativas” e “adotar processos dialógicos e participativos na implementação dos princípios elencados nesta carta, de modo a garantir a multiplicidade de interpretações sobre o patrimônio cultural” (CARTA..., 2014, p. 3).

Dessa forma, para essa identificação, interpretação e representação, que estivesse em acordo com as diretrizes da carta, foi desenvolvida uma experiência de educação patrimonial com os alunos da USP. Essa experiência contempla duas ações que ocorreram entre os anos de 2021 e de 2022. Em 2021, foi realizada uma ação com um grupo de 20 alunos de forma remota e síncrona ainda devido às circunstâncias da pandemia de covid-19, em que a USP ainda não havia retornado às atividades presenciais. Já em 2022, foi realizada uma ação com um grupo de 32 alunos de forma presencial. As ações foram realizadas no contexto de uma disciplina de graduação optativa ofertada pelos autores no IAU, denominada Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, em São Carlos, no semestre de 2021 e no segundo semestre de 2022 a todos os alunos do campus.

O objetivo da ação de educação patrimonial foi oportunizar aos alunos que desnaturalizassem o cotidiano e interpretassem o território da universidade sob a perspectiva do patrimônio cultural, de forma a identificar, interpretar e representar as referências culturais que se manifestam nele: os lugares, as práticas, as habilidades, os costumes, as crenças e os valores da vida dos universitários, ou seja, aquilo que é portador de referência à ação, à memória, à identidade dos universitários e constitui o seu patrimônio cultural. Os educandos foram autonomizados para que se reconhecessem como produtores culturais, detentores das próprias referências culturais e do próprio patrimônio cultural. E o resultado do processo, que consiste em um inventário participativo, foi disponibilizado na rede social Instagram.

O processo educativo foi desenvolvido em três etapas. Etapa 1 – Mobilização dos conhecimentos, experiências e vivências dos alunos, a fim de estabelecer a visão do mundo dos educandos e o universo temático dos universitários. Etapa 2 – Construção dialógica e coletiva do conhecimento, em que o universo temático foi devolvido aos educandos como problema, relacionando-o aos conhecimentos teóricos e práticos já sistematizados pela ciência, a fim de exercer uma reflexão crítica sobre a realidade. Etapa 3 – Organização e sistematização do conhecimento construído e finalização do

processo para que os educandos pudessem teorizar o seu universo e suas práticas culturais, comunicando-as (FREIRE, 2019).

Na etapa 1, privilegiou-se as experiências dos alunos, quando os docentes promoveram a mobilização dos conhecimentos dos alunos ao propor que eles refletissem sobre as suas vidas como universitários do campus USP São Carlos: os hábitos, as experiências, as relações, os lugares que frequentam. As reflexões propostas foram: um lugar importante; um elemento da natureza que fosse representativo; uma celebração ou festa a qual participa; uma forma de expressão ou de comunicação que utiliza; uma manifestação social e/ou artística a qual pratica. Para isso, foi proposta uma atividade em que os alunos deveriam elaborar uma representação para cada uma dessas reflexões que utilizasse uma linguagem de representação não-verbal, como desenho (à mão e/ou digital), colagem, fotografia etc. Enfim, o cotidiano dos alunos como universitários do campus USP São Carlos foi problematizado e desnaturalizado de forma coletiva em sala de aula.

Durante a etapa 2, viabilizou-se a construção dialógica e coletiva do conhecimento. Foram construídos conhecimentos sobre o campo do patrimônio cultural, de forma a entender o patrimônio como aquilo que é portador de referência à ação, à identidade e à memória. Para isso, retomou-se as reflexões da etapa 1, de forma a oportunizar que os alunos reconhecessem que o quê eles trouxeram naquelas representações constitui as referências culturais deles como universitários. Sendo assim, as práticas e os suportes materiais trazidos por eles nessas representações podem ser entendidos como patrimônio cultural porque são portadores de referência à ação, à identidade e à memória deles como universitários. Aquelas representações constituem num gesto de interpretação da realidade, do seu patrimônio cultural. A partir disso, os docentes propuseram a atividade de inventário participativo, na etapa 3, baseada nas orientações da publicação *Educação Patrimonial: inventários participativos* (FLORÊNCIO *et al.*, 2016).

O ato de inventariar consiste em pesquisar, ou seja, investigar algo que se quer conhecer melhor. O inventário participativo é uma ferramenta de educação patrimonial bastante consolidada no âmbito das ações institucionais do Iphan. A ferramenta foi elaborada para estimular que as comunidades busquem identificar e valorizar as suas próprias referências culturais, considerando a comunidade como protagonista desse processo. O objetivo de elaborá-lo é a construção e sistematização de conhecimentos a partir do diálogo entre as pessoas, que são detentoras das referências culturais a serem inventariadas, de forma a promover o respeito pela diferença e o reconhecimento da importância da diversidade cultural. Os bens culturais passíveis de inventariação são categorizados em: 1) lugares, que são territórios com significados associados à utilização por um grupo, o qual possui experiências significativas; 2) objetos, como bens móveis, equipamentos profissionais, ferramentas etc.; 3) celebrações promovidas pelos grupos sociais por diversas motivações, como religiosas, de lazer, para comemoração de datas especiais etc.; 4) formas de expressão, que são as diversas linguagens (linguagem verbal, atividade corporal, encenação, expressões literárias etc.); 5) saberes, que são as formas de se produzir algum bem ou realizar algum serviço (FLORÊNCIO *et al.*, 2016).

Os docentes organizaram as referências culturais representadas pelos alunos na etapa 1 (Quadro 1 e Quadro 2) de acordo com as categorias do inventário participativo: categoria saber, categoria celebrações, categoria formas de expressão e categoria lugares¹. As categorias foram tratadas como eixos temáticos, de forma que os alunos não precisassem selecionar apenas um bem cultural para inventariar, mas poderiam abarcar mais de um, desde que se entrecruzassem e estivessem no mesmo eixo. As turmas foram divididas em grupos, e cada grupo deveria escolher o que iria inventariar. Os grupos trabalharam com a coleta de informações via pesquisa – não apenas bibliográfica, mas também por meio de conversas com ex-alunos, alunos mais velhos da pós-graduação, professores etc. – e levantamento de fotografias nos acervos pessoais deles.

¹ Como não houve nenhuma referência a algum objeto, essa categoria não foi trabalhada.

QUADRO 1 – Referências culturais identificadas pelos alunos na etapa 1, turma de 2021

<p>Categoria saber</p>	<p>1) Escrita e desenho nas paredes dos ateliês do IAU; 2) manifestações em defesa da universidade; 3) desenhar; 4) apresentação de trabalhos acadêmicos; 5) intervenções artísticas e/ou temporárias no IAU; 6) Semana da Arquitetura e Urbanismo (SEMANAU); 7) realização de assembleias; 8) desfile – atividade que era realizada no primeiro ano da graduação na disciplina de Projeto; 9) Mostra dos trabalhos de graduação do IAU (M.IAU); 10) atividades de extensão com comunidades.</p>
<p>Categoria celebrações</p>	<p>1) Festas em repúblicas universitárias; 2) Festa TO ATOA; 3) Festas universitárias em geral; 4) Festa Bar em Bar; 5) Festas no palquinho – anfiteatro a céu aberto do campus; 6) Pizzada; 7) Taça Universitária de São Carlos (TUSCA); 8) Noites de jogos de mesa; 9) “Domingou”, que é a reunião dos alunos em suas repúblicas no domingo à tarde; 10) Quinta Musical.</p>
<p>Categoria formas de expressão</p>	<p>1) As atividades que relacionam corpo e arquitetura; 2) o diálogo entre aluno e professor; 3) Google Meet; 4) Centro de Voluntariado Universitário de São Carlos; 5) Dança; 6) Humor; 7) Mangá; 8) Fotografia; 9) Desenhar; 10) Pegar água na pós – hábito dos alunos da graduação que optam por buscar água no bebedouro do edifício da pós-graduação com o objetivo de terem mais tempo para conversar no período da aula; 11) whatsapp; 12) tattos – tatuagens instantâneas com representações individuais, identitárias e políticas que são utilizadas pelos alunos em eventos universitários e celebrações; 13) coletes – utilizados pelos alunos em eventos e celebrações, servem para identificação de república onde moram ou de instituição universitária que fazem parte; 14) Spotted – que consiste em um mural no Facebook em que os alunos utilizam para troca de informações sobre prestação de serviços, sobre vendas, sobre as atividades universitárias, para socialização e para flertes.</p>
<p>Categoria lugares (São Carlos)</p>	<p>1) Córrego do Gregório; 2) Rodoviária; 3) Japa Açai; 4) Kamzu Café; 5) Feira que ocorre no Kartódromo; 6) Feirinhas nas praças da cidade; 7) Casa de Repouso Cantinho Fraternal; 8) natureza – o céu, o arco-íris, as maritacas.</p>
<p>Categoria lugares (campus USP)</p>	<p>1) Ateliês do IAU; 2) IAU; 3) Laboratório de estruturas da Engenharia Civil; 4) “Postão”, espaço do edifício do IAU; 5) Corredores do IAU; 6) Instituto de Química de São Carlos; 7) “Uspão”; 8) “gramadão”; 9) as árvores do campus; 10) Pão de Queijo Mineiro- restaurante e café; 11) “Bandeirão” – restaurante universitário.</p>

Fonte: elaborado pelos autores, 2021

QUADRO 2 – Referências culturais identificadas pelos alunos na etapa 1, turma de 2022

Categoria saber	1) Práticas de Pesquisa, Ensino e Extensão em Urbanismo – PEXURB (grupo de pesquisa do IAU); 2) dança; 3) Yanagi Taiko; 4) Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo do IAU (SISAL); 5) Clube de leitura; 6) ações de cultura e extensão; 7) Semana da Engenharia Civil; 8) Manifestações em defesa da educação; 9) Disciplina de Plástica do IAU; 10) Movimento Acadêmico; 11) Confeção de cachecóis; 12) Trabalhos voluntários; 13) Crochê; 14) Artesanato.
Categoria celebrações	1) Taça Universitária de São Carlos (TUSCA); 2) Bar em Bar; 3) Coleginho; 4) A última torração; 5) Festival do Sorvete Frito; 6) Cervejada; 7) Feira do Livro da USP; 8) Festa de aniversário; 9) Pizzada; 10) Café com os amigos; 11) Rota Bar; 12) grupo de jovens da igreja; 13) Semana de recepção dos calouros; 14) Subversiva; 15) Churrasco dos bixos; 16) ARRAIAU.
Categoria formas de expressão	1) Whatsapp; 2) desenho; 3) fotografia; 4) videochamada; 5) cartazes do ponto de ônibus do campus; 6) pinturas nos armários; 7) totens do campus; 8) Instagram; 9) confecção de peças em cerâmica; 10) Manual do bixo; 11) desenhos nas paredes dos ateliês; 12) comunicação não-verbal; 13) parede do Centro Acadêmico Armando de Salles Oliveira (CAASO); 14) Spotted.
Categoria lugares (São Carlos)	1) Kartódromo; 2) varanda do apartamento; 3) Cine São Carlos; 4) Rodoviária; 5) Podrão (lanchonete); 6) Praça XV; 7) Kaikan; 8) Estação Ferroviária; 9) Hotel Marklin; 10) córregos; 11) cachoeiras; 12) plantações de eucaliptos; 13) Praça alimentação do shopping.
Categoria lugares (campus USP)	1) Corredor do IAU; 2) ponto de ônibus do campus; 3) Biblioteca da EESC; 4) maquetaria do IAU; 5) jardim do ICMC; 6) Ateliês do IAU; 7) Bandeirão; 8) ginásio; 9) caminho das cigarras; 10) árvores do campus; 11) gramadão; 12) ipê rosa do El; 13) uspaço (letreiro da USP no nível do piso em que se é possível avistar o horizonte da cidade).

Fonte: elaborado pelos autores, 2022

Ao mesmo tempo, enquanto os alunos elaboravam as fichas do inventário, os docentes problematizaram a questão de quais linguagens de representação deveriam ser utilizadas no inventário. Isso porque os alunos estavam inventariando o próprio cotidiano, que é a vida universitária.

Para isso, era necessário que eles rompessem com a opacidade do hábito do cotidiano para que pudessem se surpreender com ele. Dessa forma, era necessário um instrumento de comunicação menos habitual do que a palavra, uma vez que o cotidiano é onde está diluído um texto não verbal, pois a atuação de hábitos em um determinado ambiente torna-os imperceptíveis, homogêneos. Para fazer a leitura, é preciso contextualizar, observar e comparar (FERRARA, 1997). Como estratégias, Ferrara (1997) defende, primeiro, que seja feito o levantamento da memória e, em paralelo, é necessário:

[...] proceder a uma informação múltipla através do uso de técnicas que operam intercódigos: as gravações, as fotografias, os vídeos, as montagens visuais de fotos ou slides, os desenhos ou croquis são elementos que devem ser usados para aguçar a observação [...]. Essas técnicas permitem captar instantes exemplares, segurar a informação, para que seja possível superar ou controlar o movimento e a dinâmica que faz os ambientes serem passageiros ou mutáveis. (FERRARA, 1997, p. 35)

Mas a leitura não verbal se concretiza com a linguagem verbal, uma vez que esse produto só se manifesta “porque sua consistência, sua convicção alicerça-se numa lógica argumentativa que é característica e distinção da linguagem verbal” (FERRARA, 1997, p. 36). Daí, a proposição aos alunos de que elaborassem um inventário com múltiplas linguagens de representação. Para isso, foram desenvolvidas algumas atividades no decorrer do processo, tais quais a construção de desenhos participativos e colaborativos do que se estava inventariando (Figuras 1-6).



Figura 1 – momento de problematização e reflexão com os alunos

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022



Figura 2 – momento de problematização e reflexão com os alunos

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022



Figura 3 – construção de desenho participativo e colaborativo

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022

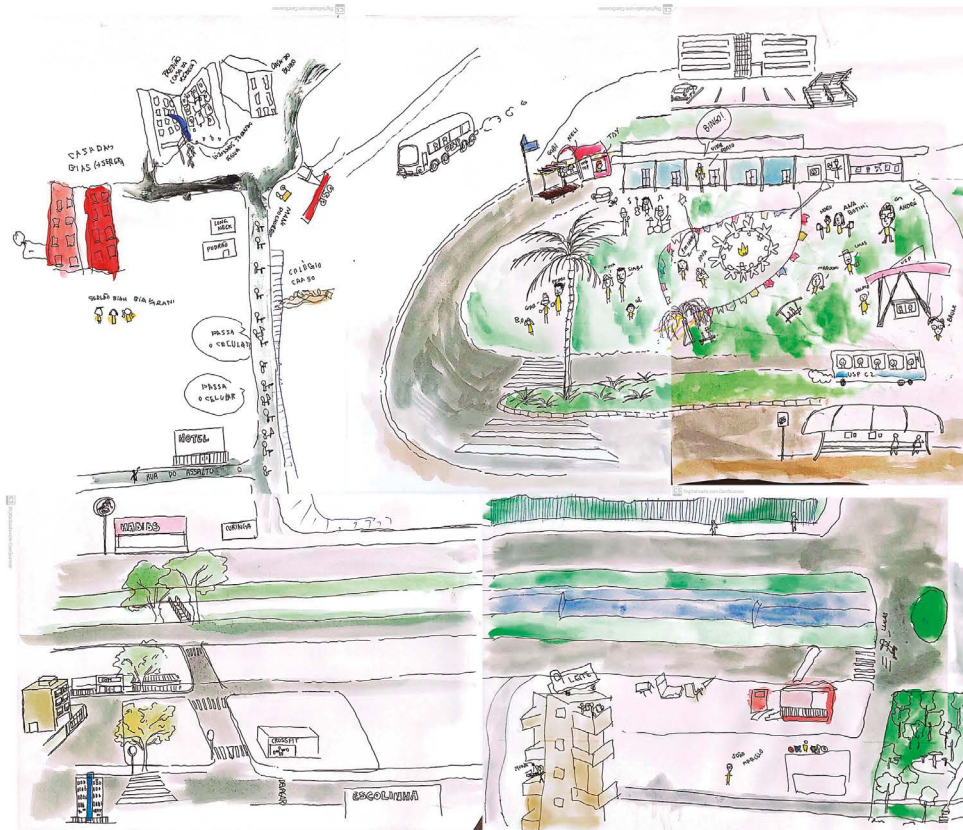




Figura 4 – desenho colaborativo do grupo que inventariou o ARRAIAU. No desenho, está representada a celebração no local do IAU onde tradicionalmente ela ocorre, mas também estão representados lugares importantes para identificação do território onde se festeja, como blocos do campus, as residências dos inventariantes etc. Estão representadas também práticas que se manifestam durante a celebração
Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022



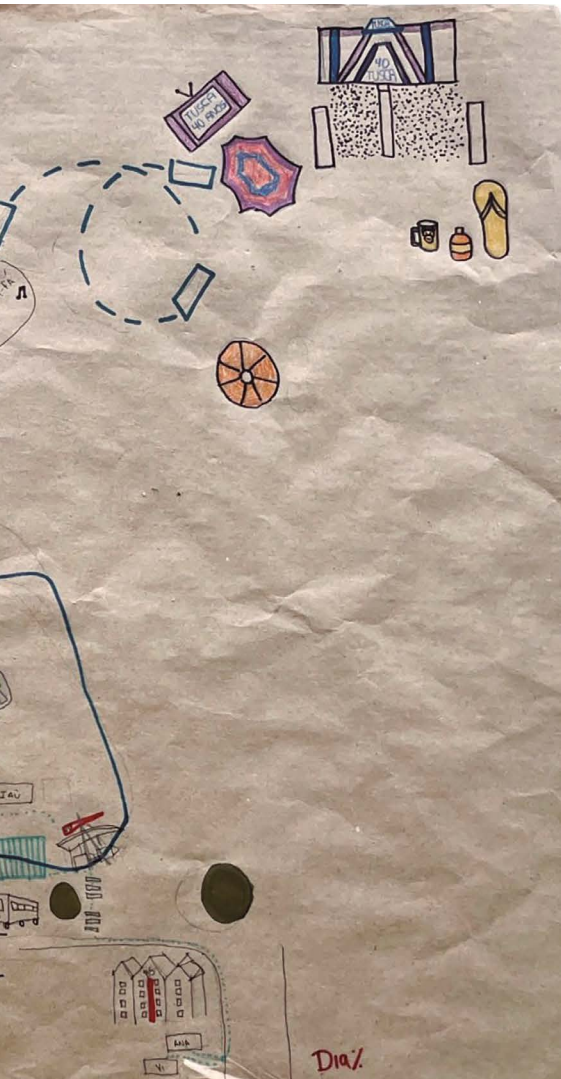


Figura 5 – desenho colaborativo do grupo que inventariou o TUSCA. No desenho, está representado o IAU, campus USP São Carlos, a avenida do Trabalhador São Carlense e os principais pontos de referência dela. O percurso de ônibus da avenida até o local do TUSCA está tracejado com várias voltas e pontos de interrogação, uma vez que no ônibus os universitários já começam a interagir, festejar, e não sabem o caminho

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022



Figura 6 – coletivização dos desenhos participativos e colaborativos

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022

Para finalizar o processo educativo, na etapa 3, foi proposto que os alunos planejassem a comunicação dos inventários que estavam produzindo nas mídias sociais. A proposta parte do princípio de que patrimônio cultural não é apenas um objeto, tangível ou intangível, “e sim um desempenho ou processo cultural relacionado à negociação, criação e re-criação de memórias, valores e significados culturais” (SMITH, 2011, p. 40).

O patrimônio é uma experiência, e como representação social e cultural é algo em que as pessoas se envolvem ativamente. Pode incluir não só representações ativas de lembrança, [...] mas também representações ativas de esquecimento [...]. O patrimônio também é um processo de comunicação, transmissão e atualização de conhecimentos e ideias; consiste em afirmar e expressar a identidade, e recriar valores e significados sociais e culturais que sustentam tudo isso. (SMITH, 2011, p. 60, tradução nossa)

É importante entender o patrimônio cultural como processo porque o receptor da herança cultural adiciona à memória do grupo a sua experiência, reformatando a informação recebida para devolvê-la ao composto, transformando o patrimônio em um objeto informacional, viabilizando, assim, a sua preservação. Ou seja, o patrimônio cultural deve ser apreendido como um valor agregado de informações sobre o objeto. Assim, representar o patrimônio cultural digitalmente favorece o entendimento do bem cultural como objeto informacional em constante desenvolvimento (DODEBEI, 2006). Por isso, a proposta de disponibilização do inventário participativo na rede social Instagram, que é amplamente utilizada pelos universitários².

Ainda sobre a etapa 3, é importante registrar que durante a realização dos atendimentos aos grupos e da apresentação e coletivização dos trabalhos houve muita interação. A todo instante, os alunos de outros grupos se reconheciam como detentores das referências culturais apresentadas. Foi um momento de ativação de memórias, pois os alunos também queriam

² O perfil do Inventário é @inventario.usp.sc. Disponível em: <https://www.instagram.com/inventario.usp.sc/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

compartilhar as suas próprias experiências sobre aquilo que o grupo estava apresentando (Figura 7).



Figura 7 – momento de atendimento com os alunos

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022

Em 2021, participaram 20 alunos, sendo 18 do curso de Arquitetura e Urbanismo, um do curso de Engenharia Civil e um do curso de Química. Os alunos participantes foram divididos em cinco grupos. O grupo 1 trabalhou na categoria Lugar e abrangeu alguns lugares importantes para a vida universitária no município de São Carlos, dentre eles a rodoviária, o Japa Açaí, o restaurante universitário e o Kartódromo. Para isso, o grupo utilizou a linguagem escrita e desenho digital, apropriou-se do conhecido Jogo da Vida³, associando os lugares às fases da graduação e ao período do semestre, à rotina da vida universitária. A rodoviária como o início da vida universitária, o local onde se desembarca em São Carlos; o Japa Açaí como

³ Jogo de tabuleiro produzido pela Estrela.

ponto de encontro dos alunos para descontração, para aliviar a tensão depois da aula; o restaurante universitário, ponto de encontro de todos os alunos USP, que, mais do que local das refeições, é local de conversar com os amigos nas filas, ficar a par do que está acontecendo no campus, das festas etc. e o Kartódromo, onde ocorre uma feira aos finais de semana, e os alunos que ficam em São Carlos vão para fazer compras ou comer alguma coisa com os amigos (Figura 8).



Figura 8 – inventário do grupo 1 diagramado para o Instagram, que trabalhou na categoria Lugar os lugares importantes para a vida universitária em São Carlos

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2021

O grupo 2 trabalhou na categoria Celebrações. Utilizando-se das linguagens escrita, desenho digital, audiovisual e também apropriando-se da linguagem do jogo eletrônico, apresentou o TUSCA (Taça Universitária de São Carlos): desde a preparação para participar da festa – iniciando com o

tipo de roupa e calçado adequado –; o que ocorre durante a festa – que são os jogos de diversas modalidades, as festas e o que se consome nelas (bebidas e comidas); as tradições da festa – como o deslocamento dos grupos por ônibus, grandes filas para entrar, para pegar bebida e comida, sujar-se na lama (uma vez que as festas ocorrem em locais com chão de terra batida); e as lembranças da festa – canecas, coletes, registros audiovisuais etc. – que alimentam as expectativas pelo evento do próximo ano (Figura 9).



Figura 9 – imagem diagramada para postagem do inventário do grupo 2 que trabalhou na categoria celebrações a TUSCA

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2021

O grupo 3 trabalhou na categoria Saber, em que foi abordada a prática das escritas e desenhos nas paredes do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU). O grupo, de forma bastante sensível, conseguiu compreender as especificidades e as qualidades de cada registro nas paredes de cada lugar no IAU, relacionando-os às fases da graduação em que eles

foram produzidos. Identificou-se que a prática teve início por volta de 2014, e que pelo fato de os ateliês do IAU serem onde os alunos passam mais tempo para assistirem as aulas e para fazerem os trabalhos, a maior parte dos registros estão nas paredes deles ou próximas a eles. Os registros nas paredes – por desenhos ou por escrita – abarcam as vivências compartilhadas no cotidiano, são manifestações espontâneas que desencadeiam uma sucessão de referências formando uma rede de representação desse cotidiano. Eles também funcionam como uma comunicação entre os alunos em tempos paralelos, uma vez que os registros do ateliê do primeiro ano, realizados por uma turma, serão vistos pela turma seguinte no próximo ano e assim sucessivamente. Para isso, utilizaram-se das linguagens escrita, desenho digital, fotografia e colagem digital (Figuras 10-11).

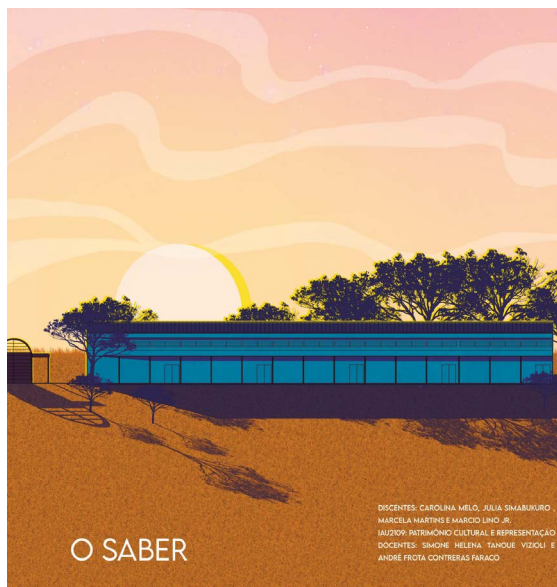


Figura 10 – inventário do grupo 3 diagramado para o Instagram. A imagem representa o bloco de ateliês do IAU defronte a um amplo gramado apelidado de “gramadão” pelos alunos
Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2021



Figura 11 – imagem que compõe o inventário do grupo 3. É uma fotografia da parede externa do bloco de ateliês do IAU tirada pelos alunos

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2021

O grupo 4 trabalhou na categoria Forma de expressão, em que foi abordado o caderno de desenho produzido na graduação em Arquitetura e Urbanismo. O grupo interpretou que o caderno se torna uma coleção pessoal de cada aluno sobre as percepções, inferências e representações das atividades realizadas e para as quais ele é suporte, que são as viagens acadêmicas. Ele é, portanto, uma evidência desse processo de desenvol-

vimento da linguagem do desenho, observação e percepção da paisagem urbana. O grupo registrou o processo de construção do caderno desde o corte das folhas, a costura, e como desenhar no caderno, contemplando os gestos, materiais e práticas envolvidos no ato de desenhar no caderno. Para isso, utilizou as linguagens escrita, desenho à mão, desenho digital, fotografias, colagens e audiovisual (Figuras 12-13).



Figura 12 – inventário do grupo 4 diagramado para o Instagram. A imagem foi elaborada a partir de uma composição de desenhos dos caderninhos dos alunos do grupo

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2021

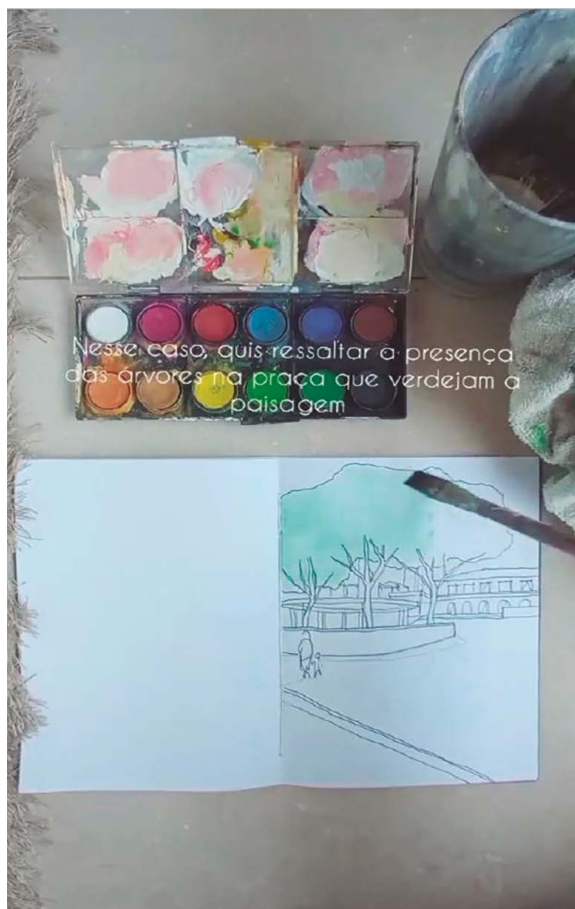


Figura 13 – imagem de um dos vídeos do inventário do grupo 4. O vídeo apresenta o processo de como trabalhar com cores nos desenhos de observação nos caderninhos

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2021

Por fim, o grupo 5 trabalhou na categoria Lugar, contemplando especificamente o espaço do IAU. O grupo, utilizando a linguagem dos memes da internet – que são imagens relacionadas ao humor –, com desenhos digitais,

fotografias e colagens, detalhou todas as práticas, habilidades, costumes e valores dos alunos de graduação do IAU. Por exemplo, utilizando memes *starter pack*, o grupo caracterizou momentos importantes dos alunos de graduação do IAU: recepção dos calouros, o ARRAIAU (festa junina dos alunos), as viagens didáticas, o final de semestre (em que eles têm que produzir muitos trabalhos – desenhos arquitetônicos, maquetes físicas e digitais, pranchas de apresentação etc., tendo que recorrer a diversos materiais e softwares). Também registraram situações cômicas do cotidiano (Figuras 14-15).



Figura 14 – imagem do inventário do Grupo 5. A imagem representa, comicamente, a história institucional do IAU que, de 1985 a 2010, foi um departamento subordinado à EESC

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2021



Figura 15 – imagem do inventário do grupo 5. A imagem representa, comicamente, as viagens didáticas promovidas pelo IAU. São apresentados o meio de transporte para o deslocamento – ônibus –, objetos imprescindíveis para levar – protetor solar, guarda-chuva, água, mochila, travesseiro de pescoço e dinheiro, celular e máquina fotográfica –, o traje adequado para vestir – tênis, boné, moletom –, e os registros das viagens – tanto fotografias quanto desenhos no caderninho

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2021

Em 2022, houve a participação de 32, sendo 27 alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo, quatro alunos do curso de dupla titulação Engenharia Civil e Arquitetura e um aluno do curso de Engenharia Elétrica. Os alunos foram

divididos em sete grupos compostos por quatro ou cinco membros. O grupo 1 trabalhou na categoria Lugar. Utilizando as linguagens escrita, desenho digital, colagem digital e audiovisual, o grupo inventariou a rodoviária de São Carlos. Todos os membros do grupo são de outras cidades de origem, portanto, eles fizeram o registro do percurso da viagem até a rodoviária, representaram as sensações de espera do embarque. Além disso, exploraram as questões relativas à linguagem moderna da arquitetura da qual o edifício representa (Figuras 16-17).



Figura 16 – imagem do inventário do grupo 1. A imagem, concebida a partir de uma colagem, representa o edifício que abriga a rodoviária, de arquitetura moderna, com o sistema estrutural de pilares e vigas em concreto armado aparente que define a volumetria do edifício

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022

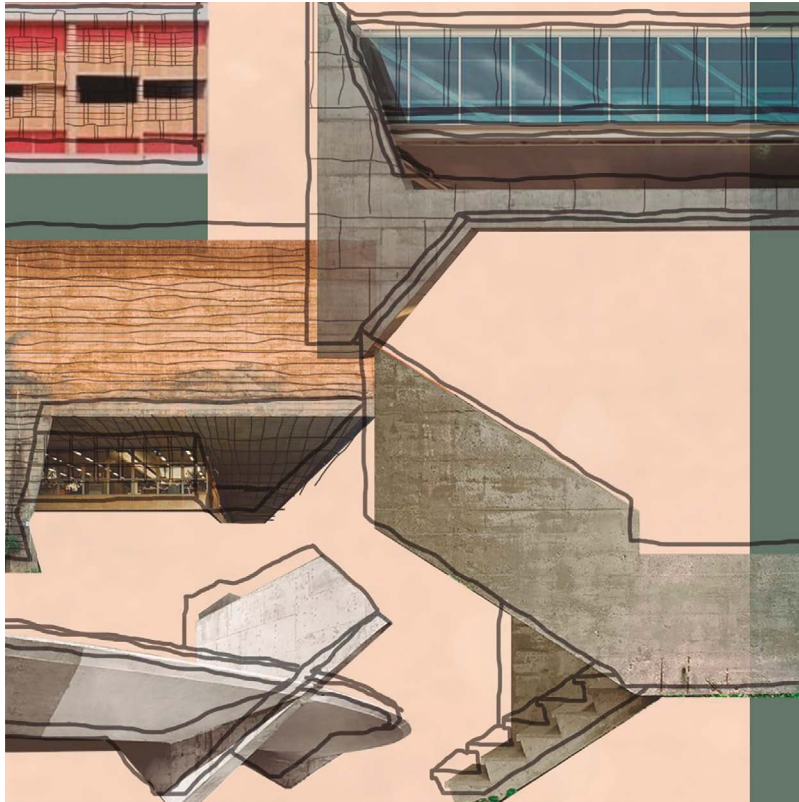


Figura 17 – imagem do inventário do grupo 1. A imagem, concebida a partir de uma colagem, representa referências da arquitetura que dialogam com o edifício da rodoviária de São Carlos
Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022

Na categoria Celebrações trabalhou o grupo 2. O grupo inventariou o ARRAIAU, que é a festa junina promovida pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo do IAU no corredor e no gramado do Instituto. Utilizando as linguagens escrita, desenho digital, colagem e fotografia, os alunos registraram desde aspectos curiosos da festa – como, por exemplo, a ocorrência em agosto, uma vez que junho é o mês de encerramento do primeiro semestre,

período em que eles têm muitas entregas de trabalho, o que inviabiliza a organização da festa – até como cada ano se responsabiliza pela organização das comidas e bebidas, decorações e atrações. Ainda, eles trouxeram um aspecto importante, de que o dinheiro arrecadado é revertido depois para pagamento de despesas dos alunos em viagens acadêmicas (Figura 18).



Figura 18 – inventário do grupo 2 diagramado para o Instagram

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022

O grupo 3 inventariou o Gramadão na categoria Lugar. O Gramadão é o amplo gramado defronte ao corredor aberto onde ficavam os ateliês do IAU. Utilizando da linguagem escrita e do desenho digital, da colagem e da fotografia, o grupo apresentou o Gramadão como se um aluno veterano estivesse conversando com um aluno calouro pelo Whatsapp. Dessa forma descontraída, o Gramadão foi apresentado em todas as suas apropriações como espaço de respiro em que os alunos descansam nos intervalos;

ponto de encontros; local em que ocorrem festas; onde está o ponto de espera dos ônibus. Esse gramado é muito importante também para o estabelecimento da relação com a cidade: a partir dele, tem-se uma vista da avenida Trabalhador São-carlense, onde está a localizada a USP (Figura 19).



Figura 19 – inventário do grupo 3 diagramado para o Instagram. A imagem representa algumas características dos usos do gramadão: a pizza, pois é o local onde os alunos promovem pizzas de integração; as bandeirinhas juninas, pois é onde ocorre o ARRAIAU; o ônibus, porque é onde está o ponto do campus; o sol, pois os alunos vão se aquecer no inverno; o cachorro, porque nos finais de tarde as pessoas levam os animais para passear e brincar

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022

Também na categoria Lugar, o grupo 4 inventariou a Praça XV, que na verdade se chama Praça Cristiano Altenfelder Silva, mas todos chamam de Praça XV pelo fato da rua XV de Novembro compor o quadrilátero que forma a praça. A Praça XV é um ponto de encontro bastante importante para os universitários da USP, onde eles aproveitam a sombra para descansar e interagir, apreciam as feiras que acontecem na praça, além do fato da praça

ser endereço de lugares muito frequentados pelos universitários, como a Gelateria Borelli e, principalmente, o Kamzu – um café muito tradicional de São Carlos conhecido pela qualidade e variedade de *cookies* que comercializa. Assim, utilizando da linguagem escrita e do desenho digital, o grupo contemplou cada um desses pontos de encontro que estão centralizados na Praça XV (Figuras 20-21).



Figura 20 – imagem do inventário do grupo 4 diagramado para o Instagram. A imagem representa algumas barraquinhas montadas nas feirinhas que ocorrem na praça

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022



Figura 21 – imagem do inventário do grupo 4 diagramado para o Instagram. A imagem representa o Kamzu

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022

Na categoria celebrações, o grupo 5 inventariou o TUSCA. O diferencial deste trabalho em relação ao realizado em 2021 por outro grupo é que, enquanto este focou nas festas, esse lançou luz sobre as competições esportivas. No ensejo da Copa do Mundo de Futebol FIFA 2022, os alunos construíram uma analogia entre a competição esportiva do TUSCA com a competição da Copa. Por meio da escrita, de desenhos digitais, colagens, fotografias e registros audiovisuais, representaram todos os objetos e práticas que compõem a celebração desde bandeiras, mascotes, taças, hino, comportamento dos torcedores, rivalidades e costumes (Figura 22).



Figura 22 – imagem do inventário do grupo 5 representando uma comparação entre os trajes do torcedor da seleção brasileira de futebol e do torcedor do Centro Acadêmico Armando de Salles Oliveira

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022

O grupo 6 trabalhou na categoria Lugar e inventariou o Cine São Carlos. Utilizando de forma bastante potente e sensível a linguagem audiovisual, o grupo se inspirou na linguagem do cinema para construir uma narrativa que resgatasse a história do cinema e do Cine São Carlos e a estreita relação que o lugar tem com os universitários. O Cine São Carlos é um cinema de rua – uma raridade nos tempos atuais em que as salas estão concentradas nos shoppings – e reproduz não apenas os filmes *blockbusters*, como também outras opções sem apelo comercial, além de promover festivais audiovisuais. A relação do Cine com os

universitários remonta ainda às décadas de 1970, 1980 e 1990, em que se promovia a sessão maldita, isto é, sessões exibidas às quartas-feiras pelo setor cultural da UFSCar. Até os dias de hoje o cine comercializa ingressos acessíveis, o que torna um ponto de encontro bastante importante para os universitários (Figura 23).



Figura 23 – inventário do grupo 6 diagramado para o Instagram. No elenco estão apresentados os membros do grupo. O passado consta um vídeo com a história do Cine. O presente é sobre as atuais instalações do Cine. O caminho apresenta o percurso de deslocamento do campus USP até o Cine. Em a essência e os motivos estão apresentados os significados do cine para os universitários.

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022

Por fim, o grupo 7 inventariou o Bar em Bar, na categoria Celebrações. Utilizando da linguagem escrita e do desenho digital e da fotografia, o grupo resgatou as origens da festa no IAU que remonta ao ano de 2012. O objetivo da festa é introduzir os calouros na vida universitária. Os calouros se fantasiam e, guiados pelos veteranos, partem do IAU, deslocando de bar em bar pela cidade. Portanto, a festa apresenta uma dimensão sociocultural muito importante com relação à integração entre os alunos e à apropriação dos espaços da cidade em que se vive durante o período da graduação (Figura 24).



Figura 24 – imagem do inventário do grupo 7. O desenho digital representa parte da cidade de São Carlos, especificamente em torno do campus USP, com destaque para os bares que fazem parte do circuito percorrido no Bar em Bar

Fonte: acervo da disciplina Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária, 2022



RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA E DA CIÊNCIA: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE E A SOCIEDADE EM SÃO CARLOS

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas de liberdade. (FREIRE, 1996, p. 121)

O projeto Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, financiado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (projeto nº 2526), além de consistir em um desdobramento da dissertação Educação Patrimonial: processo participativo de identificação de referências culturais dos universitários do campus USP São Carlos (FARACO, 2022) e da experiência @INVENTARIO.USP.SC, vem para dar prosseguimento às próprias ações do N.ELAC no campo da educação patrimonial.

Em que pese as inúmeras atividades extensionistas desenvolvidas pela USP e instituições parceiras, com trabalhos já estruturados institucionalmente e com boas repercussões nos campos social e de formação complementar para os universitários, a proposta vinculou-se especificamente às

comunidades carentes do município de São Carlos. As ações tiveram como objetivo engajar a universidade em ações voltadas para a valorização da cultura local e valorização do conhecimento científico em um contexto de ensino e aprendizagem, fortalecendo o diálogo com os diferentes agentes envolvidos, da universidade e da comunidade.

Inicialmente, o projeto seria desenvolvido exclusivamente junto à Escola Estadual Bento da Silva Cesar, que atende às comunidades carentes vizinhas à área 2 do campus USP São Carlos (Santa Angelina, Santa Felícia, Parque Sissi, Residencial Monsenhor Tortorelli), com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. Porém, por uma busca da direção da escola na formação de uma parceria com a USP, o projeto foi desenvolvido também com a Escola Estadual Professor Aduar Kemell Dibo, com alunos do 3º ano do Ensino Médio.

O projeto se justificou pela necessidade tanto de oportunizar aos alunos da rede pública, na condição de formadores das suas comunidades, o próprio reconhecimento como produtores culturais, e que a produção dessa cultura envolve saberes e experiências construídas nas vivências sociais; quanto que, esses saberes, quando organizados e sistematizados, consistem em produção científica. Dessa forma, as ações foram estruturadas para ocorrerem em dois encontros com cada turma de alunos de cada escola. Elas ocorreram no mês de abril de 2023 em cronograma acordado com a direção de cada escola a fim de não sobrepor as atividades escolares.

Para o desenvolvimento das ações de educação patrimonial do projeto, os proponentes recorreram ao método de desenho em camadas, que é uma abordagem do consolidado inventário participativo. O método foi concebido pelo Comitê Científico Nacional de Interpretações, Educação e Narrativas Patrimoniais do International Council of Monuments and Sites – Brasil (CCBrInt-ICOMOS-Brasil). Nesse método, tem-se:

o desenho como principal meio de ação [...] com a intenção de instigar as crianças e os adolescentes a explorarem por si mesmos a Cultura e a Identidade de suas próprias comunidades, documentá-las e divulgá-las para o mundo. Assim, o Desenho em Camadas foi pensado em etapas

inspiradas em categorias de Referências Culturais, que devem ser entendidas como a construção de uma representação do viver em um determinado contexto cultural e temporal. Para cada categoria foi criada uma pergunta-geradora, que resulta em desenhos a partir dos seus sentidos, construindo-se um percurso mediado pela compreensão de patrimônio, sensibilizando o reconhecimento de cada desenhador enquanto sujeito produtor de cultura. Dessa forma, perguntas e desenhos fazem emergir patrimônios por meio de uma interpretação da realidade experienciada. (NITO *et al.*, 2022, p. 390)

As categorias utilizadas foram inspiradas naquelas que estão indicadas nos inventários participativos (INSTITUTO, 2016), com a inclusão de categorias relacionadas aos temas do universo infanto-juvenil.

No primeiro encontro, inicialmente, os proponentes se apresentaram aos participantes e os convidaram a se apresentarem. Depois, os participantes foram orientados a desenhar tudo em uma única folha, sendo de responsabilidade de cada um organizar o conjunto de desenhos. Para cada desenho, os proponentes lançaram uma reflexão que entrecruzava a categoria à realidade vivenciada e experienciada pelos participantes daquele local (Quadro 3).

Quadro 3 – Categorias das atividades de Desenho em Camadas

Categoria	Reflexão inicial	Questionamento	Proposta
Lugares	Algumas partes do município onde vivemos podem ser muito especiais. Essas partes, que nós chamamos de lugares, têm um significado muito importante para as nossas vidas.	Para você, qual é o lugar mais importante do município?	Elaborar um desenho do lugar.
Natureza	Todo município tem uma paisagem característica. E a natureza é parte importante da paisagem. A vegetação, os rios, os animais.	Qual elemento da natureza que você acha que é representativo do município?	Elaborar um desenho do elemento.

Continua...

Quadro 3 – Continuação

Categoria	Reflexão inicial	Questionamento	Proposta
Celebrações	Todo mundo gosta de festa. Tem festa que é muito importante individualmente como o nosso aniversário. Mas tem festa que é muito importante pra gente e também para a nossa família, nossos amigos e nossos vizinhos.	Tem alguma festa que você adora participar com todo mundo?	Elaborar um desenho da festa.
Diversão	Divertir-se é sempre muito legal. Ainda mais se for com os amigos.	Como você gosta de se divertir com os seus amigos?	Elaborar um desenho da diversão.
Formas de Expressão	Existem várias maneiras de nós expressarmos a nossa cultura. Pode ser por meio da pintura, da escultura, do artesanato... pode ser pela música e pela dança... pode ser pelas tradições, como as lendas e as rimas.	Tem alguma dessas maneiras que você acha que representa a comunidade que você faz parte?	Elaborar um desenho da forma de expressão.

Fonte: elaborado pelos autores (2023) a partir de Nito et al. (2022)

Para cada pergunta-geradora, foram destinados dez minutos para a elaboração do desenho. Ao término de todos os desenhos, os participantes foram convidados a apresentá-los para a turma, explicando o que desenharam e suas respectivas visões do mundo. Durante as apresentações, os outros participantes se manifestaram sobre as referências culturais e se reconheceram nelas.

No segundo encontro, os proponentes mobilizaram todas as representações em desenhos elaboradas no primeiro encontro para construção coletiva do entendimento do patrimônio cultural como aquilo que é portador de referência à ação, à memória e à identidade e que, portanto, aquelas representações constituem o patrimônio cultural deles e de que forma ele está inserido na dinâmica social da comunidade.

Enfatizou-se que o patrimônio cultural não se resume a um objeto, ele é uma experiência, uma representação social e cultural, na qual as pessoas estão envolvidas ativamente. Patrimônio cultural, portanto, trata-se de um objeto informacional em que o receptor reformata a informação recebida para devolvê-lo. E o que viabiliza a sua preservação é justamente garantir a comunicação, a transformação dessa informação reformatada. Para isso, os proponentes propuseram que os participantes selecionassem, do que estava representado nos seus desenhos em camadas, aquilo que era mais representativo, ou seja, aquilo que era mais importante, para a elaboração de um novo desenho específico sobre aquela referência cultural (Figuras 25-26).



Figura 25 – aluna participante elaborando desenho

Fonte: acervo do projeto Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 26 – aluna participante elaborando desenho

Fonte: acervo do projeto Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023

Para isso, os proponentes apresentaram algumas dicas de desenho e formas de expressão, uma vez que esses desenhos finais seriam expostos no campus da USP a fim de amplificar a cultura das comunidades de São Carlos. Os resultados são apresentados a seguir, com o inventário participativo de referências culturais da Escola Estadual Bento da Silva Cesar (Figuras 27-39) e o inventário participativo de referências culturais da Escola Estadual Professor Aduar Kemell Dibo (Figuras 40-54).

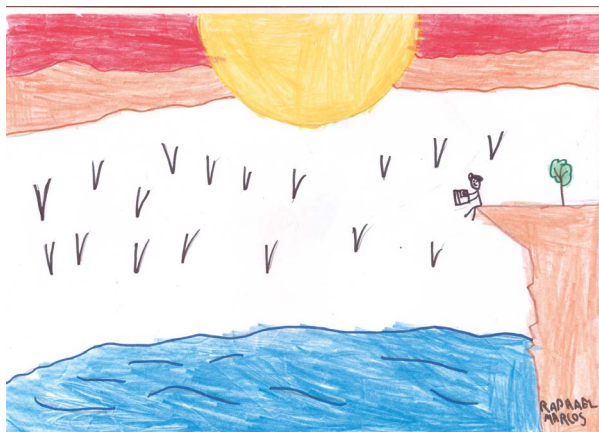


Figura 27 – o aluno Raphael representou um dia ensolarado na praia, lugar e hábito importante de lazer e socialização

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023

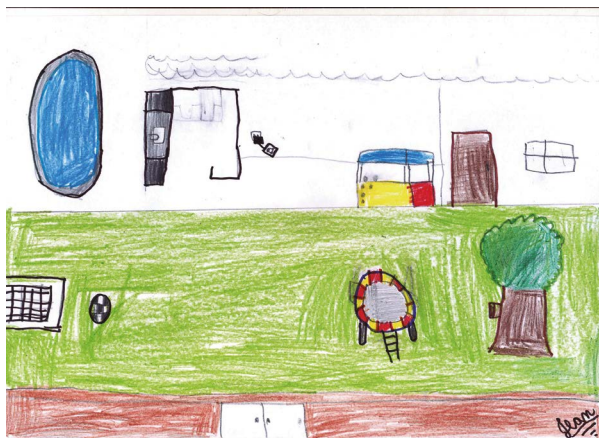


Figura 28 – o aluno Jean representou uma festa de aniversário na chácara da família – uma importante celebração em um lugar de sociabilização e lazer

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 29 – o aluno Luca representou um campo de futebol, esporte que aprecia e pratica

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 30 – a aluna Danielle representou a praia em um dia ensolarado, lugar que gosta de ir com a família

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 31 – o aluno Erick representou uma paisagem com várias árvores, visualização que pode ser encontrada na região de São Carlos

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 32 – a aluna Mirela representou a Serra de Santana, que está na região de São Carlos é um aspecto marcante da paisagem, e as flores do jardim da avó

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 33 – o aluno Heitor representou um skate, brinquedo com o qual gosta de andar e brincar
Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 34 – A aluna Emanuela representou uma paisagem
Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 35 – a aluna Sophia representou sua relação com o sol e com a lua

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 36 – a aluna Giovanna representou uma paisagem com características que gosta de apreciar: um campo de flores e um céu com arco-íris

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 37 – a aluna Laura representou a casa dos avós, que conta com uma árvore com um balanço no qual ela gosta de brincar

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023

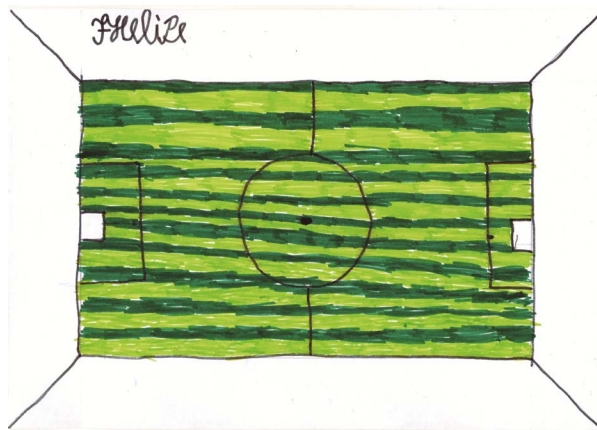


Figura 38 – o aluno Felipe representou um campo de futebol, esporte e brincadeira que gosta de praticar

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 39 – a aluna Evelyn representou a paisagem montanhosa da Serra de Santana, da qual São Carlos está inserida

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 40 – a aluna Sophia representou a sua fé, prática cultural e social importante

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 41 – o aluno Luan representou uma guitarra elétrica, instrumento musical importante para o seu gênero musical preferido – o rock

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 42 – a aluna Priscila representou uma paisagem ao ar livre, pois aprecia desfrutá-la para relaxar. O interior de SP ainda conta com uma grande variedade de paisagens com o campo e vegetação

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023

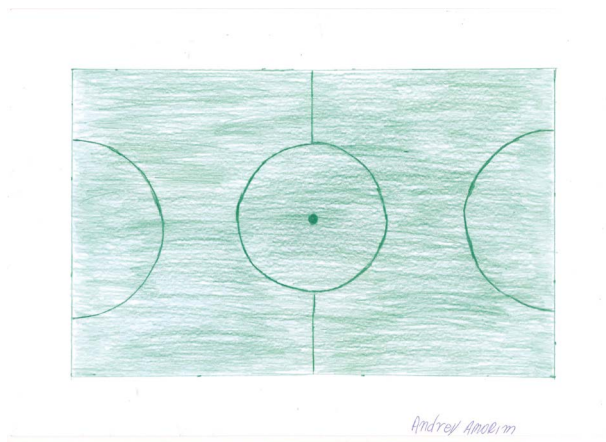


Figura 43 – o aluno Andrey representou um estádio de futebol, esporte que gosta, e lugar onde vai acompanhado dos amigos e da família

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 44 – a aluna Amorim representou a forma de expressão pelo humor, que cultiva no seu meio social

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 45 – a aluna Emily representou a praia, pois é um hábito que aprecia e remete ao estar com a família

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 46 – a aluna Cibele representou o hábito da leitura, pois é interessada em conhecer a história e é uma forma de estimular a sua criatividade e imaginação

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023

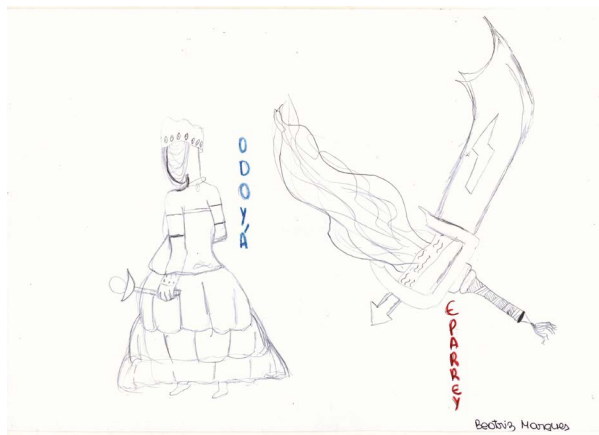


Figura 47 – a aluna Beatriz representou a sua religião, o candomblé, a qual definiu como experiência de fé, lazer e socialização. A representação é das duas Yabas (Yemanjá e Oyá)

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 48 – a aluna Gabriela representou o hábito do desenho como forma de expressão. Na sua representação, reproduziu um dos seus desenhos preferidos

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 49 – a aluna Larissa representou a dança como uma forma de expressão e também como um saber

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023

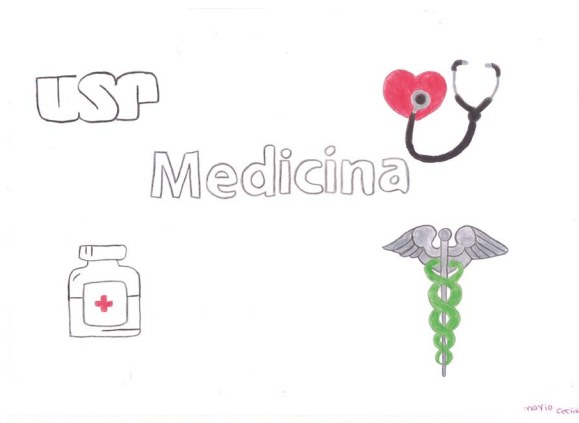


Figura 50 – a aluna Maria Cecília representou a Universidade de São Paulo (USP) como um lugar importante para uma jovem em fase de conclusão do Ensino Médio e prestes a realizar o vestibular

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 51 – o aluno Pedro Henrique representou alguns sites de internet e do universo geek como forma de expressão

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 52 – o aluno Matheus representou uma bola de vôlei, que é o esporte que gosta de praticar

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 53 – o aluno Victor Hugo representou o hábito de ir à praia, curtir o mar, como prática de lazer e descanso

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023



Figura 54 – a aluna Andrezza representou uma cachoeira. A região de São Carlos conta com várias cachoeiras, as quais são frequentadas para lazer e prática de esportes

Fonte: acervo da ação Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos, 2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências de educação patrimonial consistiram em processos planejados e desenvolvidos por meio da concepção freireana de que educar não é transferir conhecimento, mas sim criar as possibilidades para a construção de conhecimento. Dessa forma, nas duas experiências tanto com os universitários quanto com os alunos do ensino fundamental e médio, os educandos foram os sujeitos do processo e os educadores promoveram uma mediação realizada a partir da problematização e reflexão.

O processo educativo com os universitários foi desenvolvido em três etapas, conforme apresentado. A etapa 1 – Mobilização dos conhecimentos, experiências e vivências dos alunos, a fim de estabelecer a visão do mundo dos educandos, o universo temático dos universitários, sob uma perspectiva freireana, foi o desencadeamento do processo que possibilitou a produção e construção do conhecimento dos educandos. Na etapa 2 – Construção dialógica e coletiva do conhecimento, o universo temático dos educandos foi devolvido a eles como problema, relacionando-o aos conhecimentos já sistematizados pela ciência, a fim de exercer uma reflexão crítica sobre a realidade. E na etapa 3 – Organização e sistematização do conhecimento construído, os educandos puderam teorizar o seu universo, as suas práticas culturais, comunicando-as.

Se conhecimento é criação, devendo sempre ser reformulado, ressemantizado, ressignificado, e se patrimônio cultural é um processo de comunicação, transmissão e atualização de conhecimentos e ideias, a construção do inventário participativo nas etapas 2 e 3 do processo foi uma excelente atividade para isso. O inventário foi construído como um dispositivo de representação do patrimônio cultural e, ao ser disponibilizado na rede social Instagram, atende a uma importante demanda que é a da representação digital como forma de preservação da informação.

Sobre a experiência com os alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da rede pública de São Carlos, o método de desenho em camadas

também partiu da problematização e da reflexão, com a mobilização dos conhecimentos, das habilidades e das experiências e vivências dos educandos. A construção do entendimento sobre o que é patrimônio cultural foi totalmente construída a partir da realidade vivida e experienciada pelos educandos. O que permite afirmar que o conhecimento foi construído de forma dialógica e participativa.

Dessa forma, fica evidente que essas experiências consistiram em processos de Educação Patrimonial dialógicos, participativos e democráticos, construídos de forma horizontal e considerando todos os saberes – tanto os da vivência e experiência dos educandos quanto os já sistematizados pela ciência.

Processos educativos devem, impreterivelmente, oportunizar a construção da autonomia dos participantes, isto é, da comunidade com a qual está sendo estabelecido o diálogo. Dessa forma, em ambas as experiências aqui apresentadas, ao mesmo tempo que selecionar o que é mais importante para preservação e como representar isso faz parte do processo de patrimonialização dos bens culturais, as ações se trataram de uma experiência de tomada de decisão para os educandos, de responsabilidade sobre esses bens culturais a serem patrimonializados. Enfim, foram, portanto, experiências respeitosas de liberdade, conforme Paulo Freire.

Vale dizer ainda que as experiências aqui apresentadas oportunizaram aos autores-educadores o exercício da práxis freireana, uma vez que foi estabelecido um dinamismo entre teoria e prática, ação e reflexão, porque os autores-educadores, subsidiados pelo referencial teórico-conceitual, colocaram-no em prática no processo educativo, na ação e, a cada encontro com os educandos, em ambas experiências, refletiram sobre a própria prática. E essa reflexão, como forma de pensar a prática, possibilitou a construção de conhecimento teórico, o qual, a cada encontro seguinte, se traduziu em prática: uma prática pedagógica como ação transformadora, para o educando e para o educador.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio Augusto. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. *In*: BARRIO, Ángel Espina; MOTTA, Antonio; GOMES, Mário Hélio (org.). **Inovação Cultural, Patrimônio e Educação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2009.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 28 nov. 2022.

CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. *In*: CHUVA, Márcia (org.). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília, DF: Iphan, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

CARTA do patrimônio cultural da Universidade de São Paulo. **Centro de Preservação Cultural — Casa de Dona Yayá**, São Paulo, 2014. p. 3. Disponível em: <https://cpc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/patrimonio-da-usp/artigos-da-carta-patrimonial/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

ESTUDANTES da USP e da UFSCar movimentam R\$ 20 milhões por mês em São Carlos, diz Acisc. **Portal G1 São Carlos e Araraquara**, São Carlos, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/03/10/estudantes-da-usp-e-da-ufscar-movimentam-r-20-milhoes-por-mes-em-sao-carlos-diz-acisc.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2022.

FARACO, André Frota Contreras. **Educação Patrimonial**: processo participativo de identificação de referências culturais dos universitários do campus USP São Carlos. 2022. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2022.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FLORENÇIO, Sônia Rampim *et al.* **Educação Patrimonial**: inventários participativos: manual de aplicação. Brasília, DF: Iphan, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf. Acesso em: 4 nov. 2020.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências Culturais: Base para novas políticas de patrimônio. **Políticas Sociais**: acompanhamento e análise, Brasília, DF, n. 2, p. 111-120, 2001. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4175/1/bps_02_completo.pdf. Acesso em: 3 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GONÇALVES, Janice. Da educação do público à participação cidadã: sobre ações educativas e patrimônio cultural. **Mouseion**, Canoas, n. 19, p. 83-97, 2014. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/issue/view/123/showToc>. Acesso em: 22 mar. 2020.

HISTÓRIA e números. **Portal USP-São Carlos**, São Carlos, 22 abr. 2003. Disponível em: <http://www.saocarlos.usp.br/creditos/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Portaria nº 137, de 28 de abril de 2016**. Estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do Iphan e das Casas do Patrimônio. Brasília, DF: Diário Oficial da União, seção 1, n. 81, p. 6, 29 abr. 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf. Acesso em: 7 fev. 2020.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4594598/mod_resource/content/1/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

MENESES, Ulpiano Toledo. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. *In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL*, 1., 2009, Ouro Preto. **Congresso** [...]. Brasília, DF: Iphan, 2012.

NITO, Mariana Kimie da Silva; FARACO, André Frota Contreras; SOSTER, Sandra Schmitt; RAMPIM, Sônia. Desenho em camadas como abordagem de Inventário Participativo: as ações educativas em Nova Olinda (CE) e Santa Bárbara d'Oeste (SP). **Revista Sillogés**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 390-414, 2022. Disponível em: <http://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/189>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ROTMAN, Mónica; CASTELLS, Alicia Norma González de. Patrimônio e cultura: processos de politização, mercantilização e construção de identidades. *In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; BELTRÃO, Jane Felipe; ECKERT, Cornelia (org.). Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007.

SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal de São Carlos. **História de São Carlos**. São Carlos, [2000?]. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/historia-da-cidade/115269-historia-de-sao-carlos.html>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SMITH, Laura Jane. El “espejo patrimonial”. ¿Ilusión narcisista o reflexiones múltiples? **Antípoda**, Bogotá, n. 12, p. 39-63, 2011. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/abs/10.7440/antipoda12.2011.04>. Acesso em: 22 fev. 2022.

UNIVERSITÁRIOS aquecem a economia de São Carlos. **Portal G1 São Carlos e Araraquara**, São Carlos, 16 nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlosregiao/noticia/2018/11/16/universitarios-aquecem-a-economia-de-sao-carlos.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2022.

Fontes: Nunito | Crimson Pro | Neucha
Data: Novembro de 2023

André Frota Contreras Faraco

Doutorando no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (PPG/IAU-USP). Desde 2019 é pesquisador do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade (N.ELAC). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPG/IAU-USP. Foi presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santa Bárbara d'Oeste (2021-2022). Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Recebeu o prêmio Destaque Cultural do Ano - Categoria Patrimônio Histórico Material em 2020, concedido pela Câmara Municipal de Santa Bárbara d'Oeste a partir da indicação do Conselho Municipal de Política Cultural. Membro do Icomos-Brasil, com participação no Comitê Nacional de Interpretações, Educação e Narrativas Patrimoniais.

Simone Helena Tanoue Vizioli

Professora Doutora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP) desde 2009. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (FAU-USP) (1991), mestre (1998) e doutora (2006) pela FAU-USP. Professor visitante na Sapienza Università di Roma - 2021/2022. Tem atuado na área de concentração junto à Pós-Graduação do IAU-USP: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo na linha de pesquisa: Arte, Cultura e Cidade. Organizou, dentre outras publicações, os livros: *Digital Modernism Heritage Lexicon*; *O desenho na história: a arte, o instrumento e a mão*.

ISBN: 978-6-58681-069-1



9 786586 810691

